

Apresentação

NO TABULEIRO: 200 ANOS DE BAIANIDADES LITERÁRIAS PLURAIS

Bom seria se conseguíssemos colocar neste prestigiado tabuleiro de letras toda a pluralidade da Bahia em suas diversas baianidades bicentenárias. Como os autores deste volume deixam claro, as especificidades e complexidades das diversas baianidades são “organizadas e por hierarquias e exclusões coloniais” (Fernandes, cf. Alves e Marques), que historicamente tentaram invisibilizá-las (Dias e Dourado; Teixeira Sobrinho), suplantá-las (Silva Filho) ou despotencializá-las (Teixeira Sobrinho). Se realizássemos tamanha empreitada, estaríamos diante de mais um milagre concedido pelos ancestrais, orixás, inquices, voduns, caboclos, caboclas e também por Santa Dulce dos Pobres. Contudo, desconfiamos que um milagre assim seria algo impossível não por provável impotência das divindades, mas por ousadia e excesso de vaidade dos fiéis, que sorratamente estariam pedindo mais para si mesmos que para o bem comum. Afinal, se todas as baianidades coubessem em nosso tabuleiro em apenas um dossiê arrogaríamos, talvez, o título de únicos agregadores de nossos modos de ser e de estar no mundo. As entidades são sábias e enxergam mais adiante, com tal graça concedida ninguém nos aguentaria vaidosos e exibicionistas por tamanha proeza.

Dito isso, admitimos que o tabuleiro das baianidades ou da baianidade é bem maior e agrega o nosso e outros tabuleiros. Tonon mostra bem isso na popularidade destas baianidades em terras italianas. Quem imagina ter no recipiente apenas baianidades soteropolitanas e de dendê, engana-se. Vejamos o exemplo do bolinho de estudante ou como ainda podemos chamá-lo “punheta” ou

“punheta”, afinal é moldado nos punhos e essa ação não deve guardar lembranças somente de outras manipulações. De quais lavras vêm a ambígua mandioca — venenosa se não for devidamente tratada e fundamental para subsistência nordestina — senão em sua maioria das interioranas, dentro e fora do recôncavo? Provavelmente entre os que discordam da afirmação, não tiveram a oportunidade de conhecer uma casa de farinha do sertão baiano. Há muitas e diferentes farinhas, algumas mais para as copiobas de Nazaré e outras com os pontos de preparo e finalização mais para a tapioca, ingrediente fundamental dos bolinhos de estudante fritos em óleos de soja. Então tudo ou quase tudo há representado no tabuleiro da baiana, e a questão do feminino, tão bem trabalhada por Kroin & Cruz, do sertanejo, por Bomfim & Souza, e quilombolas por Rosa

Em nosso tabuleiro, mais especificamente neste dossiê da Revista Tabuleiro de Letras, trouxemos certa quantidade e qualidade de “farinha no saco” para não deixar de materializar a metáfora que diz que ter farinha no saco é ter conteúdo. Sem fugir à regra, respeitando a tradição, o policial nagô-baiano fez-se presente desde o início representado em mais de um artigo e acompanhado de um de seus principais afilhados, este também aparecendo em mais de um texto. Exu oferece régua e compasso para reflexões teóricas e é trazido ao lado de Jorge Amado, um dos pais da baianidade. Afinal, Exu transita entre todos os mundos e Amado segue os passos do protetor de sua casa no Largo do Pelourinho, na Cidade do Salvador. Amado não poderia faltar em suas

“travessuras exurianas”, em suas relações com a literatura e a história, com o marketing, com discussões de gênero ou buscando olhares comparativos com literaturas africanas, dentre outras possibilidades. Talvez o dossiê pudesse também ser chamado quase amadiano, isso levando em consideração textos selecionados e mais ainda aqueles que não puderam constar entre os 12 que apresentamos.

Sem deixar de reafirmar a potência do escritor nascido nas terras do cacau, “O sen-

tido da arte, presença feminina e memória lírica em Cortesianas de Rita Santana” traz olhares para a poesia da ilheense. Oralituras quilombolas não poderiam faltar e mais ainda olhares para sertões de Wilson Lins e Carlos Barbosa. Em todos os textos faz-se uma reflexão sobre o poder transformativo dessas literaturas, bem explicado em Carneiro. Sendo assim, colocamos à disposição doze artigos que compõem o dossiê “200 ANOS DE BAIANIDADES LITERÁRIAS PLURAIS”, navegando por águas diversas.

Gildecil Oliveira Leite
Antônio Luciano de Andrade Tosta
Antonio José Bacelar da Silva
Organizadores